

alguns

PO

E

MAS

Francis Ivanovich

Teoria da Criação do Universo

No princípio não havia princípio,
Também não havia nada, nem algo,
Mas, na verdade, tudo.

Havia muita coisa em pouco espaço, sem espaço e sem tempo.

Nesse tempo sem tempo, não havia nem pouco, nem menos e nem mais.

O que havia era o que não houve, o que não foi, o que não se deu,
Porque ainda haveria de acontecer o que talvez ainda nem ocorrera.

No entanto, o fim já se anunciava, mesmo que o fim fosse o começo e o infinito e a expansão toda e em parte ainda nem tivesse se dado.

Foi nesse ínterim que a coisa surgiu:
Misturada e separada,
Colada e dispersa, curva e plana,
Escura e clara, ser e não ser.

Assemelhava-se a copo de leite e também média requentada.
Também a uma sopa de pedra, de gases, de fogo, de gelo.
Fogo frio e mais gelado que o próprio fogo.

Esse fogaréu queimava e fazia tremer de frio,
Porque ele estava numa direção e ao mesmo tempo noutra.

Era um lugar com nove lugares, mais lugares dos que os três que a gente hoje conhece.

O meu gênio afirma que não eram 9, mas 18 lugares, porque se haviam 18,
Existiam e existem 36 e 72 e a singularidade!

Eram lugares tantos, tantos lugares, que eles nem eram lugares,
Essas dimensões infinitas e finitas, inacabadas e arredias,
Criança a esconder-se e a desaparecer-se,
Sem Física Quântica, Metafísica, Filosofia, Razão e *delicatessen*.

O que importava mesmo era explodir,
Como uma bomba, como espasmo,
Gozo divino de milhões de *materiazóides*,
A viajar pelos úteros inexistentes, espaços sem caminhos,
Surgidos num instante a passos de luz e de escuridão,
Flor iluminada se abrindo na re-criação.
E aí berrou o silêncio, nascera o pequenino.

Barulho

O silêncio dos desertos
Este não dizer em amarelo.
A boca muda das graviolas,
Os santos quietos nas igrejas!
Este silêncio perdido para sempre
Nas teias de fibras e antenas.
Ouvidos explodem em
Ruídos, motores, bips, vozes,
Dados, sinais, tiros e bombas.
Estou cansado de ouvir.
É uma estafa dos sentidos.
Haverá no ar o não som?
Depois de tanto ouvir o
Cotidiano é mais que necessário
Viciar-se em Beethoven e ter uma
overdose de música pura.

Caixas de Fotografias

Fotografias
torniquetes dos segundos
Teu rosto digital
Sorrisos e festejos
Mãos empalidecidas pela aurora
O pixel te mostra, mas não te expõe
Te cala, mas não te revela:
Dolorosas são as fotografias

Bach

Almas-cravos-mãos-almas-arcos-marcos-ondas

B

Explode-barro-corpo-etereo-nos-pentagramas

A

Breves-pausas-fusas-fundem-se-fusas-alegros

C

Celestes-deliramos-espectros-pasmam-palmas

H

Vibram-rompem-se-todos-os-portais-do-mundo

toca-nos

Visões

Plantei flores numa geleira
Ergui meus lábios e beijei estrelas
Morangos secavam ao sol
Vulcões expeliam rosas vermelhas
Os homens cantavam felizes
Apoiados em fuzis de diamantes
No jardim havia rinocerontes
E Deus conversava com pintores
Era meio dia
A hora de se estar ao meio
Quando os olhos sentem fome
E as paisagens se consomem

Tédio no domingo de sol

Tudo é tédio
Tédio em tudo
Vou me envenenar de poesia
A fim de salvar este belo dia
Sob o sol a que tudo alumia

Quintana

(no dia em que Mário Quintana Morreu e eu não sabia siato, 05/05/94)

Onde está o Mário?
Onde estão seus versos de marfim?
Não o vejo nas ruas, nos cafés, na portaria do hotel?
Onde estará o Mário?
Que angústia em não vê-lo
Na Porto Alegre tão triste hoje.

O Futuro

Sou hoje o que não pensei
Sou o jamais
conclusão: não sou
Perspectiva: não serei

A obra

Ideia sémem
palavra fecundação

frase gestação
parágrafo corpo
página alma
título vida
-O leitor?
Ser e não ser!

Pernas de mulher

Pernas de Mulher
Mais belas que as colunas greco-romanas
emocionantes traves antes do gol
pilares de uma ponte perigosa
pernas de mulher
pretas, brancas, vermelhas e amarelas
Sonetos sob saias coloridas
cordel dentro de calças justas
haikais precisos
Jamais esquecerei as pernas da trapezista
anjo a deixar o meu céu de pernas para o ar

Poeta-Monstro

Escancaro minha porta emoldurada
por lábios de sangue para que escorram versos
por minha garganta ressequida de poesia
tomo a poção mágica que contém 100 ml
de Pessoa, Sá Carneiro, Baudelaire, Camus, Quintana e eu próprio.
Sou o poeta-monstro pronto para o suicídio da frase

Insônia

o mar repousa
a noite avança
o céu se despe
eu tenho insônia
escrever um poema?
pintar um quadro?
ler Sthendal?
beber?
fumar cachimbo?
debruçar na janela?
O mar balança
A noite recua
O céu se veste
Eu tenho insônia...

Lua

Lábios de louça esmaltada
minguante palavra
fruta iluminada
quando cheia
arregala o olho
e me espia na janela

Morangos

Morangos em flor
A rubra carne entre os dentes
Mordida e sal
Na delícia do mel
Parece perdição
Mas é desenho e papel
É só morango em flor
Na esperança do que vem.

Gravata

Preta ao pescoço

P
E
N
D
U
L
A
R

No horário do vento
Acrobata no grave ato do mortal
evento

Cobra dançarina excitada ao ombro

Antes Lagarta
Agora BorboLetra

Triste fita, peça, ato, L
A
Ç
O

Em volta de uma aorta
com nó na garganta.

Exílio de poeta

Brasilzinho amado, eu devo partir?
Cruzar o Atlântico e reencontrar-me sem ti?
Brasilzinho sonhado, não realizado,
Dói-me vê-lo tão maltratado.
Não é mais o país dos inconfidentes.
Caminhas a passos trôpegos no sentido de um destino infeliz?
Brasilzinho amado, que tristeza não tê-lo ajudado.
Por isto devo eu vou partir!
Quem sabe possa ser-te útil além mar?
Fosse eu um super herói!
Expulsaria do teu solo esses vilões.
Libertaria a tua carne e o teu sangue das toxinas!
Brasilzinho amado de paisagens maravilhosas!
Vou cantar meu exílio em versos?
Vou ser o poeta sem pátria e palmeiras,
Espada e bandeira, CPF e identidade brasileira?
Serei o Gonçalves Dias do século 21?
Brasilzinho dos papagaios e araras, este povo não te merece.
Esta gente não te ama.
Pairam no teu céu nuvens plúmbeas carregadas de nitrato.
Prestes a desaguar choro infindo.
Quem te salvará do desfile dos desgraçados?
Quem te livrará dos AR15 e dos aspiradores de pó?
Quem demolirá a horrenda Brasília, pecado imperdoável do arquiteto?
Quem desinfetará o parlamento?
Exorcizará os vampiros das finanças?
E vai matar a fome das crianças?
Brasilzinho amado, revolta-te!
Rogo-lhe, Brasilzinho amado!
Expele lavas dos teus vulcões extintos!
Acorda teu nífen e revela-se em infernos!
Sacoleja teu solo e quebranta as cidades americanizadas!
Clamas ao mar as tsunames!
Sopra o ouvido das correntes um tornado F5 as tuas terras!
Produz nevascas no verão de bundas e cerveja!
Planta deserto nas florestas e nas serras!
Seca os rios e as línguas impuras!
Brasilzinho amado, Ira-te antes que te transformem na Sodoma
e Gomorra Latina!
Numa pátria alucinada e de correntes!
Num país de alma pequena num corpo tão grande.

Pelo nome do Pau, do Brasil e dos filhos da mãe gentil!

Amém.

1+ 1 = ao meio

Somos

Dentro e fora

Em cima

Em baixo

Extremo

Centro

Par

Ímpar

Efêmero

Eterno

Velozes

Paralisados

Belos

Horrendos

Flores

Ácidos

Neve

Lava

Buraco Negro

Singularidade

Carbono

Subjetividade

Dentes

Filosofia

Cruz e

Tridente

Mel e

Limão

Somos

Tantas
Dualidades

Que
1 + 1
Resulta o meio.

POESIA

A Poesia não dever ser falada
Nem lida,
Mas cantada.

A Poesia é música em silêncio

É Deus que ninguém vê,
ouve,
toca,

Mas sente.

A Poesia é Mistério
Buraco Negro
Duende
E Morte

A Poesia é estar no ventre e na sepultura

Na cabeça de quem se ama e nos odeia

A Poesia é santa e impura
Serpente e Anjo
Mulher e Homem

O Poeta não é Poesia
É vaso
Língua
Útero
E Túmulo...

A poesia é o choro de uma criança
A mão que insiste e nos balança.

Homem-Verde

Sinto-me Vegetal!
Estático observador do mundo.

Aceita-dor das cordas no meu tronco,
No vai e vem do balanço das crianças!
Respirar ares impuros – devolve-los purificados.
Ter meus frutos arrancados – dor e seiva -
E atirarem ao meu pé o bagaço de mim.
Os machados!
Contra a minha base numa violência clorofila.
Riem os lenhadores!
Oh! O fogo!
Por que me ardem aos poucos?
Folha por folha...
Fruto por fruto...
Sombra por sombra...
Ah! Quantos corações entalhados em mim!
Por que acreditei nos canivetes suíços?
Por que fui flor com esperança de fruto?
Choro com a chuva o meu destino vegetal.
Paciente, apesar de ficar agitado com a ventania!
E capaz de demonstrar minha ira outonada!
Inundar o ar de cheiro bom e o solo de estrelas!
(Minha ira é bondosa)
À noite,
pendurar nos olhos caixilhos de luz!
(Até me sinto feliz)
O balanço sonha meninada!
O ar é sereno.
O fio não fia.
O fogo dorme.
(Também está no Oriente!)...
E o amor é só uma árvore morta.
Ah! Que paz quando se é verde...
Que tristeza quando se é maduro!
Sonhar um dia o fruto proibido.
Despertar noutra árvore morta no campo da vida.

Como dizer poesia?

A Poesia deve ser dita de boca cheia e nunca de boca mole ou boca dura.
Deve ser dita e redita como a oração ou os versos
do Alcorão.
Mas A poesia não tem religião,
Creia!
Também sei que ela deve ser pronunciada
com respeito, mas também sem vergonha.
Que deve ser acarinhada com a língua,
com as mãos, mas, por vezes,

a poesia pede um safanão:
poesia safada!

Procurei resposta nos que costumeiramente utilizam-se da

Palavra:

Políticos:

Dizeres paralíticos!

Pilotos de avião:

Aéreos!

Camelôs:

Venais em demasia!

Locutores de futebol:

Bola fora!

Atores:

Nunca sabem dizer poesia!

Padres:

Poesia sono-lenta.

Os passarinhos:

Um dizer fujão!

Papagaios!

Desbocados!

Os profetas!

Apocalípticos e desintegrados!

Poetas:

Um dizer sofrido!

As crianças:

Sim, as crianças!

Mas, as que não falam ainda.

Como dizer poesia?

Oh! Meu Deus!

Pensei, pensei, repensei!

Até que a uma conclusão cheguei.

Como dizer Poesia?

- POESIA!

PERM_FAILURE: DNS Error: Domain name not found

Enviei um e-mail para Deus

Mas a mensagem voltou: **“PERM_FAILURE: DNS Error: Domain name not found”**

Deus não tem e-mail!

Lisboa

Tenho saudades
Do teu céu
Das tuas casas
Das tuas ruas
Do teu sol
Da tua chuva
Da tua música
Da tua gente
Lisboa que habitas
o meu coração
Lisboa do Tejo
A cidade que eu invejo!

Fim do dia

(27/06/2007 – Glória).

Une as tuas mãos
Cristalino Coração
Cor de uva ao entardecer
Moscas ricocheteiam
Na areia transparente
Junto às frutas no aparador
A morte está doente
A língua indolente
Como a paciente Aranha
Os olhos fatigados
De céu, sal e melado
Diante dessa teia transparente
A boca é um rosa
Ressequida no Verão
Ai de mim: Murcho em sonhos!
O sangue já não corre
Estanca como azeite
E morre
Mergulhado em lentidão
O tédio é Laranja
Despida pela lâmina
De um cego desejo fio
A alma busca o néctar
Feita abelha louca
Por ver-se pólen-vazio
Versos Baudelaire
E a Vida que não se quer

Na janela que se espia.

Definição de Poesia

Poesia não é só âmagô
Também é estômago
Ou se trabalha o
Bolo de palavras
Ou se cospe tudo para o ralo.

Embalagem Reciclável

Há vidas que cabem numa caixa de presentes
Há outras que nem na lembrança da gente

Há vidas que cabem nos arquivos
Há outras que não cabem nem nos livros

Há vidas que cabem numa caneca
Há outras que não cabem sequer numa biblioteca

Há vidas que cabem num pequeno cd
Há outras que não cabem no mais espaçoso hd

Há vidas que cabem numa singela oração
Há outras que não cabem nem no Alcorão

Há vidas que cabem por trás de um balcão
Há outras que ultrapassam o gigante Plutão

Há vidas que cabem num pedaço de pano
Há outras que transbordam até o oceano

Há vidas que cabem na própria vida
Há outras que nem na morte são interrompidas

Há vidas que cabem numa galeria
Há outras que não bastam nem a Poesia

Há vidas que cabem na glória
Há outras que não cabem na História

Há vidas que cabem num caixão
Há outras que não cabem nem na imaginação

Há vidas que cabem num fim

Mas minha sequer cabe em mim

Inverno

A paisagem adesiva a vidraça
E faz brotar todo o verde
 nos meus olhos

O vidro e retina têm almas
 de terra

Eis que o vento estremece almas translúcidas
Como matilha de lobos
 cantando angústias

A manhã está cristal
Com seus espinhos e farpas mergulhados
 no oxigênio

O meu frio é mais por dentro
 Do que por fora.

É gelo no peito batendo contra o
 tempo.

O cãozinho e o pote de Ketchup

O cãozinho tem entre os dentes a embalagem plástica de ketchup.
O cãozinho prepara a presa ensangüentada para a infinita morte.
O cãozinho exhibe a presa como o troféu e seus olhos estão rubros.
O cãozinho mastiga a presa de polietileno estirado no chão da casa.
O cãozinho me provoca e me desafia a tentar salvar a vida da presa.
O cãozinho perfura o corpo da presa com delicadeza até que sangue.
O cãozinho rasga, amassa, perfura, aperta, agita a presa industrial.
O cãozinho é uma fera completa em estado de graça na selva oriental.
O cãozinho nem se parece o poodle branco que aparenta um carneirinho.
O cãozinho pisa a presa e tenta destroçar-lhe todo o corpo vermelho.
O cãozinho está se vingando de todos os cachorros quentes do mundo.

Infância

O céu espelha minha triste face
Anjo louco com olhos de cometa
Sob a noite o manto do disfarce
Máscara de um coração luneta
A lua reflete meus gemidos
Sobre a insana e frágil esperança
O balão colorido dos sentidos
Suspenso pelo sol da minha criança.

Beber Café

O dia se deu lacrimoso
Morcegos nos ombros dos homens
Borboletas sobre as mulheres
O dia se deu em tristeza
Traduzido em lágrimas
Derramadas dos véus!!!
Arranhões nas vidraças do sono
No travesseiro dos redemoinhos
Sobre o leito de correnteza quente
Moídos para sempre
Os grãos de Kaldi
Encharcados de silêncio
a vácuo
Não posso dormir nos
dias lacrimosos sem
antes provar o fruto
do Yêmen
Pois o vazio independe de mim,
Das estações e da expedição
das coisas
Nos tornamos
Fora de moda de
Tão velhos
Que somos...
O dia se deu lacrimoso
E eu necessito do Rio
Negro fervente!
Afinal,
O Universo é
Tão volúvel
Quanto o café
Solúvel da gente!

O sino

O Outeiro martela 18 horas
E meu coração martela desde 63.
O sino vai se calando e o
Meu coração continua bombeando.
Calou-se o sino que e voltará a repicar amanhã.
Só sei que os sinos sempre irão soar,
Depois que meu o coração calar.

Rumina-dor

Mastigar, roer, doer...
Um bolo amassado no estômago da cabeça!
O ruminante sofre a angústia da perfeição digestiva.
É preciso ruminar todas as coisas.
Roer a roupa dos versos rotos.
Ser ruminante é ser um liberta-dor de versos duros de roer!
Estou a ruminar sonhos e imagens
Histórias e paisagens
Sentidos e até a alma dos minerais...
Minha boca é pena e artista
Minha dor é sina e energia
Meu Poema é feita de dentes afiados
Composição triturada,
Moída,
Esfarelada,
Perfurada,
Mordida,
Entre os dentes!
É preciso roer o poema!
Roer, roer, roer...
Sofrer, sofrer, sofrer...
Viver, viver, viver...
Morder, morder, morder...
Não largar a presa jamais!
Saciar a fome insaciável do poema!